

DOCUMENTOS POÉTICOS: REVELAR UM MODO DE VIDA SAPATÃO

DOCUMENTOS POÉTICOS: REVELANDO UNA FORMA DE VIDA TORTILLERA

Larissa Schip Ferreira de Deus¹
Universidade Federal de Pelotas
Associado/a/e ANPAP: não

Helene Gomes Sacco²
Universidade Federal de Pelotas
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

Neste artigo relato o processo de criação de documentos poéticos que revelam um modo de vida sapatão. Este trabalho faz parte da minha pesquisa do curso de doutorado, em que realizo uma investigação que surge como uma poética por demanda - referente ao termo antropologia por demanda da antropóloga Rita Segato - diante dos escassos estudos sobre arte sapatão. Em um fazer de artista arquivista, exploro a metodologia da autobiogeografia de Manoela dos Anjos Rodrigues por meio de escritas de vida como operação para criar narrativas decoloniais, com o objetivo de identificar um vocabulário lésbico latinoamericano. Assim, seguindo noções que abordam o campo das artes, da antropologia, dos estudos de gênero e dos estudos culturais, compreendo como as práticas discursivas visuais constroem e participam da vida das pessoas.

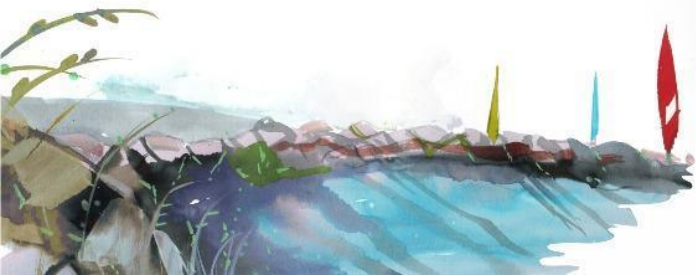
PALAVRAS-CHAVE: Sapatão. Lésbica. Estudos de gênero. Autobiogeografia. Artista arquivista.

RESUMEN

En este artículo relato el proceso de creación de documentos poéticos que revelan una forma de vida tortillera, como parte de mi investigación doctoral, en la que llevo a cabo una investigación que surge como una poética a demanda — haciendo referencia al concepto de "antropología a demanda" de la antropóloga Rita Segato — ante la escasez de estudios sobre arte tortillera. En mi trabajo como artista archivista, exploro la metodología de autobiogeografía de Manoela dos Anjos Rodrigues, a través de escrituras de vida como operación para crear narrativas decoloniales, con el objetivo de identificar un vocabulario lésbico latinoamericano. Basándome en nociones provenientes del campo de las artes, la antropología, los estudios de género y los estudios culturales, analizo cómo las prácticas discursivas visuales construyen y participan en la vida de las personas.

PALABRAS CLAVE: : Tortillera. Lesbiana. Estudios de género. Autobiogeografía. Artista archivista.

Uma poética por demanda



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Neste artigo relato o processo de criação dos primeiros documentos poéticos que são parte da minha pesquisa do Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas, em que realizo uma investigação de um modo de vida sapatão. Essa pesquisa se originou diante da falta de estudos sobre arte lésbica e de uma epistemologia acerca da identidade situada na América Latina. Diante dessa escassez, e considerando a abordagem colonial que encontramos nos poucos estudos atrelados ao campo de gênero, minha produção artística se direcionou ao que chamo de uma **poética por demanda**, termo que faz referência à **antropologia por demanda**, criada pela professora, antropóloga feminista e escritora argentina Rita Segato. A antropologia por demanda, por sua vez, refere-se a “uma antropologia interpelada, solicitada, demandada” (SEGATO, 2021 p.17), que inverte a interpelação, respondendo às perguntas de quem classicamente é figura de objeto de pesquisa.

Minha inquietação advém de tentar entender como, diante de experiências tão diversas, é possível que haja um sentido que ligue todas nós: sapatonas cis, sapatonas trans, sapatonas não binárias, sapatonas negras, sapatonas brancas, sapatonas indígenas... sapatonas colonizadas. Em vista das inúmeras variações de uma comunidade que pouco consegue se unir – entendendo que cada grupo possui demandas particulares e que cada ser é uma – questiono: onde ocorre a identificação com a outra? Como podemos fazer parte de uma mesma nomeação sem sequer saber o que ela significa? Afinal, o que é ser sapatão?

Dessa forma, me pergunto o que é ser sapatão, uma vez que minha pesquisa parte do entendimento de que identidades sexuais ultrapassam definições simplistas sobre ato sexual e/ou amor romântico. Como tratadas pelos Estudos de Gênero, as identidades são ficções criadas no intuito de controle e classificação (BUTLER, 2020). No entanto, contrariando a fluidez e a amplitude da análise de identidades sexuais, observo que, nos poucos estudos das artes sobre lesbianidade, o foco está justamente na visibilidade dessas definições simplistas, o que acaba por excluir o que



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

podemos investigar como uma vivência sapatão e, assim, provocar rompimentos com a estrutura heteronormativa e patriarcal em que vivemos.

Imaginar outros mundos possíveis

Diante do desejo e da necessidade de realizar essa poética, me encontrei com uma nova maneira de criar. Como artista visual, minhas produções começam com a captura de imagens ou com textos que encontro em meu cotidiano. Esses registros partem do que chama a atenção do meu olhar e, como em uma colagem expandida, vídeos, publicações e instalações se formam sem que eu saiba exatamente como será o caminho ou o resultado que pretendo atingir. De maneira geral, não sei se o que estou criando será uma obra até que eu tenha atingido boa parte da produção do trabalho. Considero, assim, que o próprio fazer é o que dá origem à poética. Neste sentido, criar a partir de uma demanda surgiu como um desafio em meu processo de criação.

Para me aproximar da noção advinda de Segato, que se situa entre o campo da antropologia e das artes, busquei o pensamento de Hal Foster. No texto *O artista como etnógrafo* (2017), o autor reflete sobre como o artista quasi-antropológico tem possibilidades de colaborar com comunidades, resgatar e revisar memórias históricas reprimidas em um modelo horizontal a fim de construir novos discursos e, conseqüentemente, contestar as antigas memórias disciplinares. Dessa forma, considero que me encontro no que o autor chama de arte contemporânea perigosamente política. Conforme Foster, o modo horizontal requer que o artista esteja familiarizado com a cultura e a história para mapeá-la e narrá-la. Assim como Segato, o autor também entende que a antropologia é um discurso de comprometimento e escolha.

Com a intenção de enfatizar essa familiarização com a identidade sapatão, comecei pela minha própria vivência. Dessa vez, as imagens começaram a se formar de dentro



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

para fora: recorri às minhas memórias, resgatei o momento em que a minha nomeação ocorreu, primeiramente na definição de lésbica e, em seguida, em ato decolonial sapatão³. Assim, percebo que há diferentes momentos, no plural, que compõem essa vivência sapatão – por vezes, marcados no ato de enfrentar violências, por outras no entendimento de si, que ocorre de forma prazerosa. Lembro de algumas situações em que fui identificada, tanto em relações pessoais como em deslocamentos sociais, sem que a palavra fosse mencionada, como um processo de apagamento. Nesse sentido, contar as minhas vivências pode ser uma maneira de nomear essas questões com as palavras certas, encontrando eco em outras vivências coletivas, uma vez que “Um povo é o projeto de uma história compartilhada.” (SEGATO, 2021 p.92)

Passei a seguir a metodologia autobiogeográfica, situada nos estudos da professora Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues. Essa metodologia foi desenvolvida através do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA)⁴ da Universidade Federal de Goiás, grupo criado no intuito de “investigar, debater e praticar atos autobiográficos por meio de articulações diversas com os estudos decoloniais.” (RODRIGUES, 2019, p.153).

A metodologia autobiogeográfica propõe entrelaçamentos entre autobiografia e decolonialidade por meio das práticas artísticas, trazendo indagações que confrontam o colonialismo do ser, do saber e do sentir. Uma vez que as macro-narrativas constituem um processo de colonização que teve origem na Europa ocidental, esta metodologia considera a política do lugar na intenção de encontrar outros pontos de partida para as nossas histórias e modos de estar no mundo. Assim, por meio da arte, é possível criar estratégias para narrativas e perspectivas não hegemônicas (RODRIGUES, 2019).

Manoela Rodrigues propõe a prática de escritas de vida a fim de “estimular o pensamento de fronteira, pois constituem um campo interdisciplinar e relacional formado por práticas, textos e atos que demandam exercícios de autolocalização”.



Tais práticas e exercícios envolvem a conexão corpo-lugar-deslocamento, a criação de contranarrativas e a descentralização do conhecimento. Por meio da criação de atos autobiográficos, na arte e no viver, podemos criar narrativas não hegemônicas que se tornam coletivas como prática decolonial. Para essa prática, a autora destaca que diários, memoriais, correspondências, autohistoria-teoria, autobiografia, autoetnografia e testemunhos são meios possíveis para expandir a noção de escrita e as práticas autobiogeográficas, confrontando a colonialidade e criando “lugares para práticas decoloniais entre-linguagens para além das bordas disciplinares.” (RODRIGUES, 2019, p.154).

Desse modo, observo que a prática de escritas de vida fortalece meu objetivo de romper com o binarismo entre teoria e ativismo, o qual, segundo a professora, ativista, lésbica e feminista quéchua Norma Mogrovejo, foi estabelecido pela colonialidade dos Estudos de Gênero na América Latina, institucionalizando e tratando as identidades como meras descrições, ao invés de reconhecê-las como possibilidade de imaginar outros mundos possíveis.

Na construção de uma poética que revele um modo de vida sapatão, proponho uma arte perigosamente política, um modo de vida, partindo do entendimento de que precisamos construir narrativas não hegemônicas utilizando um outro vocabulário, a fim de desfazer as narrativas que nos foram colonialmente impostas.

Ao iniciar o processo de organização das minhas memórias, tentei fazer listas. No entanto, essas lembranças, que me parecem intermináveis, são ativadas no decorrer do cotidiano e se transformam em textos, imagens, fotografias, registros em vídeos, desenhos e colagens. Entendendo que a construção de uma narrativa requer a organização dessas pequenas histórias que deixam os rastros de um modo de vida, escolhi criar documentos que, em soma, formam um arquivo.

Sigo o fazer de uma artista arquivista



extremos

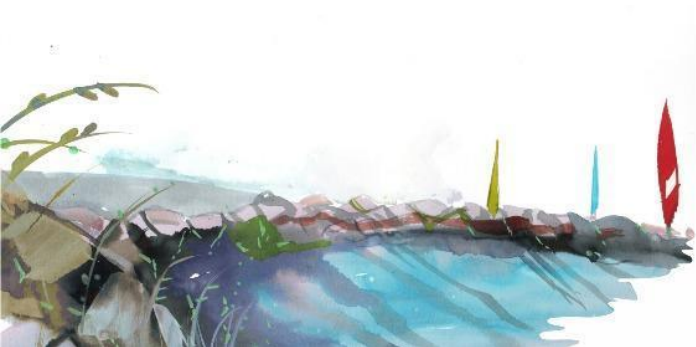
34º Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

Segundo a crítica, curadora, professora e pesquisadora Priscila Arantes, o arquivo como operação de artista na arte contemporânea é um processo vivo, lacunar e sintomático, que mostra a possibilidade de construção de outras narrativas. Por meio desse arquivo quase-antropológico e demandado, o arquivo é um “reflexo seja do fortalecimento de culturas antes tomadas como periféricas seja da necessidade da construção de ‘outras’ histórias” (ARANTES, 2014, p.217). Nesse sentido, produzo escritas de vida, que produzem identidades, subjetividades, vozes, fazeres e visões de mundo.

Esses documentos se situam na aproximação com os Estudos Culturais, em que a cultura é compreendida como “um campo de diferenças sociais e lutas, como um espaço de contestação e conflito de práticas de representação erguidas com os processos de formação e reformação de grupos sociais.” (PEGORARO, 2011, p.45). Desse modo, esses estudos pretendem compreender como as práticas discursivas visuais constroem e participam da vida das pessoas. As experiências visuais, portanto, são tomadas como evidências das práticas sociais, o que não significa ilustrar tais práticas. “Da mesma forma, os objetos dos Estudos Visuais não são apenas objetos em si, mas também abrangem maneiras de ser, ver e experienciar dentro de diferentes formas de subjetividade. Implica compreender as variadas posições do sujeito que emergem através de relações visuais.” (PEGORARO, 2011, p.48)

A partir de uma epistemologia centrada na cultura, pretendo criar uma visualidade que se constitui como prática social, dependente das relações entre diversos significados, “entendidos como construção cultural, não como algo pronto ou isolado. Nesse processo, subentende-se que há disputas nas quais operam discursos de qualquer natureza: verbal, escrita ou visual, para a organização da complexidade social.” (PEGORARO, 2011, p.48)

Neste texto, analiso a criação de seis documentos. Em alguns, registro a localidade em que me encontro, em outros, apresento conversas que marcaram minha vivência,



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

cenários que ocorreram há anos, mas que posso visualizar ainda hoje. O processo de criação destes documentos permite trazer outras relações, outras imagens, fazer paralelos culturais *sapatônicos*. A observação do cotidiano, ativado pela pesquisa, possibilita a produção de outros tipos de documentos. Neles, começo a brincar com os estereótipos atribuídos à identidade com certa ironia. Assim, percebo como a apropriação de estereótipos constroi um vocabulário, talvez o início desse vocabulário que nos falta para expressar em palavras o que é, afinal, ser sapatão.

Documentos de localidade

O primeiro documento corresponde à localidade “Aqui, América Latina, Brasil, Paraná, Curitiba, Periferia”, e consiste em três *frames* de registro em vídeo modificados digitalmente (Imagem 1). Neste registro, me coloco no meu lugar preferido da casa de minha mãe, onde eu morava naquele momento – a casa em que residi durante meus primeiros 26 anos e a qual retornei algumas vezes, entre idas e vindas de outras moradias. O território do jardim, quando cheguei, era somente um banhado que foi aterrado com restos de materiais de construção, processo que durou muitos finais de semana, realizado pelo meu pai e minha mãe e que, em seguida, foi coberto pela terra.

Durante anos, vi esse local ganhar grama, flores e árvores, pelas mãos de minha mãe, que criou seu jardim dos sonhos. Hoje, em épocas de chuva, esse jardim se parece mais a uma floresta. Neste território está a presença de cães, que performam sua animalidade quando estão para o lado de fora da casa. Também há uma cerca que impede a passagem dos cães para o espaço do portão que liga a casa à rua. Nesse



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

gesto, coloco-me aqui, como os animais, vestindo uma jaqueta, na qual bordei a palavra *sapatão*.

A jaqueta é um processo simultâneo à criação dos documentos. Produzo minha vestimenta com vestígios dessa contrahistoria: um ato periférico de customização de roupas, um ato punk dito *faça você mesma*, uma colagem de afirmação para carregar em meu corpo um modo de vida *sapatão*. Dessa maneira, o processo do tempo é registrado nos documentos, em um entrelaçar em que imagens passam de uma linguagem a outra.

Coloco-me em território familiar, compreendendo a família como primeiro contato social: a família socialmente entendida no contexto heteropatriarcal como maneira correta de viver, no entendimento de uma “família de verdade”. Comumente, o primeiro choque que ocorre com pessoas dissidentes é o rompimento da estrutura, da crononormatividade, da família heteronormativa construída pela colonização na América Latina.

Segundo Geni Nuñez, ativista indígena Guarani, escritora e psicóloga, o efeito da colonialidade sobre a sexualidade ocorreu através do conceito de monogamia civilizatória. A monogamia, inaugurada no Brasil com a chegada dos colonizadores, refere-se à ideia de se ter somente uma parceira(o) durante toda a vida. Ligada ao cristianismo, a noção de monogamia foi uma das estratégias de controle usadas contra os povos originários. Neste sentido, a autora coloca que as identidades, seja heterossexual, bissexual ou lésbica, são recentes, pois antes eram tidas como práticas sexuais, passando a ser identidades somente com a chegada dos portugueses neste território.

Elas foram criadas com o objetivo de construir uma hierarquia política entre as diferentes práticas, ou seja, para conferir a determinado grupo de pessoas o privilégio de ser saudável. Era necessário ter um contraste com as que tinham condutas “psicopatológicas”; para que uma fosse sagrada, foi necessário ter outras como profanas, e assim por diante. (NUÑEZ, 2023, p.84)



extremos

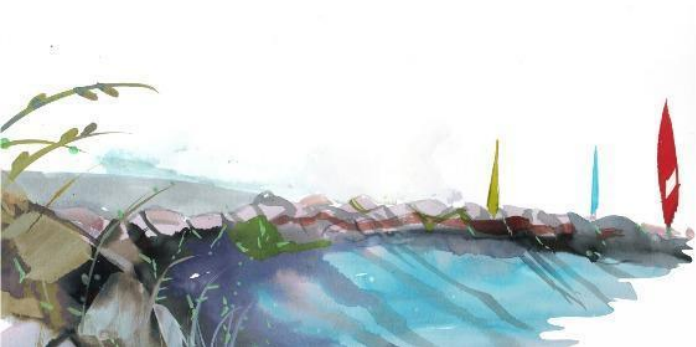
34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Assim, as identidades existem para dar sentido às desigualdades, definindo não somente com que gênero uma pessoa se relaciona amorosamente ou sexualmente, “mas sobretudo buscam determinar um certo modo de estar no mundo.” (NÚÑEZ, 2023, p.84)



AQUI
América Latina Brasil Parana Corissa Perreira

Imagem 1. Larissa Schip, documento de localidade, 2024.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

O segundo documento de localidade corresponde à travessia de 1000 km que conecta a cidade de Curitiba (PR) a Pelotas (RS) (Imagem 2), realizada para o ingresso no Curso de Doutorado na Universidade Federal de Pelotas. Esse documento é composto por três fotografias.

A primeira, referente a Curitiba, é a imagem da minha primeira boneca pendurada em um varal. Resgatei essa boneca do armário em que minha mãe guardou alguns brinquedos que eu e minha irmã tínhamos na infância. O resgate foi realizado pelo desejo da boneca ser o primeiro presente que eu daria à minha sobrinha que, no momento da realização da fotografia, ainda estava na barriga de minha irmã.

Muitas vezes escrevi, em minhas pesquisas referentes aos Estudos de Gênero, sobre como uma criança recebe seu gênero e sexo antes mesmo de nascer. A nomeação “é menino / é menina”, bem como a escolha do nome que reforça essa designação, é formulada após a visualização do sexo na ecografia, e esses dados são tidos como naturais. No entanto, são ficções sociais que foram naturalizadas pela biologia. Assim, nesse momento de resgate da boneca consegui visualizar essa construção para além da teoria, por isso escolhi essa imagem para compor o documento.

Essa boneca, a qual passamos a chamar de transgressora na vida adulta, recebeu esse apelido pois carrega em seu sexo um pênis, e sua roupa é um vestido. Nos anos 1990, quando ela foi adquirida, isso não foi visualizado como uma transgressão, nem mesmo foi visto, falado ou compreendido, um silêncio ingênuo e datado.

A segunda fotografia é um meio do caminho, em um *grall*, termo popularmente usado para lugares anexos a postos de gasolina em estradas, onde os viajantes param para se alimentar, usar o banheiro ou comprar lembrancinhas a preços exorbitantes. Em meados de outubro, esses lugares já se encontravam com as decorações de natal. Em uma dessas paradas, encontrei um presépio de tamanho real, parte desse aparato decorativo, uma iconografia que a colonização impôs ao continente. O espaço destinado ao menino Jesus estava vazio, o que, geralmente, ocorre até o dia de natal



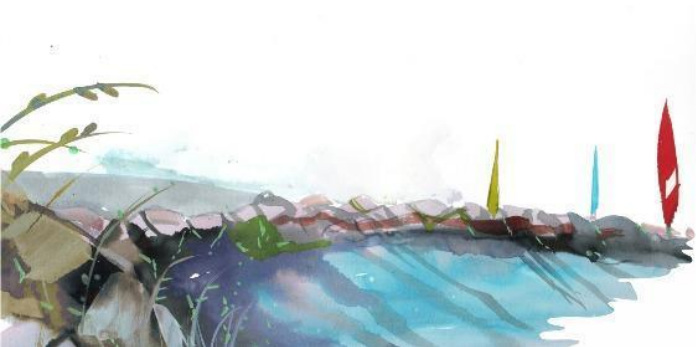
extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

(nascimento de cristo para os cristãos). Na imagem, vemos um cachorro que, em ato de heresia, aproveita a sombra e o amontoado de palhas da “manjedoura” para dormir. Novamente, a figura do animal aparece em meu processo e, assim, associo o *vira-lata* à marginalidade da dissidência.



Imagem 2 - Larissa Schip, documento de localidade, 2024



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

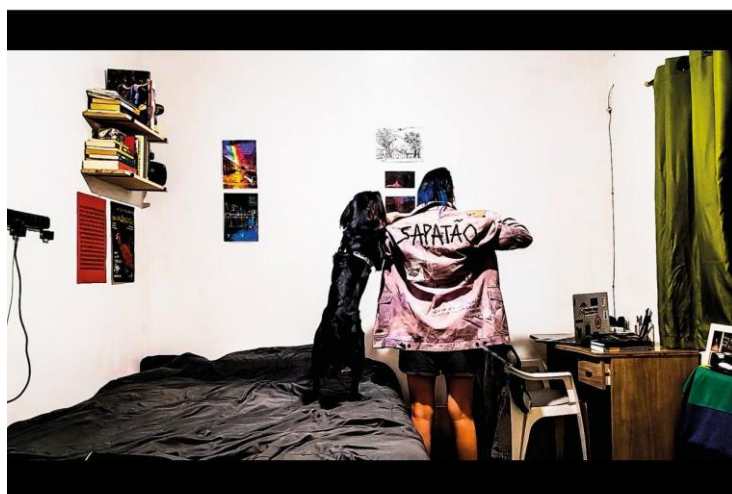
A terceira fotografia foi realizada na minha chegada ao Centro de Artes da universidade, quando fui surpreendida por uma cadeira coberta de palhas deixada na área externa, provavelmente por algum aluno, como parte de sua produção artística. Na imagem me direciono a ela e, apesar de não estar com a jaqueta do bordado sapatão, carrego amarrada em minha cintura uma jaqueta com um patch do símbolo anarquista, a qual bordei há anos.

O terceiro documento corresponde à localidade “Aqui, América Latina, Brasil, Rio Grande do Sul, Pelotas, Porto”, minha primeira morada em Pelotas durante o Curso de Doutorado (Imagem 3). É possível observar um *frame* do registro em vídeo em que novamente me visto com a jaqueta *sapatão*. Esse é um registro de local e temporalidade, em que encontramos os primeiros livros usados na pesquisa e a organização de uma volta ao modo de vida estudantil. Novamente, há a presença de um cão, o que repete meu movimento vira-lata.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



AQUI
América Latina Brasil Rio Grande do Sul Polónia Porto

Imagem 3 - Larissa Schip, documento de localidade, 2024

Documentos de memória

O primeiro documento de memória (Imagem 4) é composto por quatro *frames* de vídeo, ao centro de cada *frame*, uma legenda amarela reproduz um monólogo:

- Teve uma época que você jogava bola

- lembra?



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

- Mas pensei

- não tem nada a ver, né

Não sei dizer quando essa memória foi pronunciada, no entanto, lembro de ouvir isso que chamo de monólogo pois, apesar de ser direcionado a mim, me pareceu mais um pensamento dito em voz alta.

Até meus doze anos eu jogava futebol, e percebia um certo incômodo por parte da sociedade por ser uma menina que não performava o estereótipo de gostar de “esportes de menina”. Com o início da adolescência mudei de colégio, meu corpo começou a mudar e decidi abandonar o esporte, não por desejo, mas pela falta de entendimento que a tão confusa adolescência carrega. Esse monólogo foi inserido no documento sob os *frames* de um registro realizado na Praia do Laranjal, na cidade de Pelotas, no momento em que residia na cidade por conta do curso de mestrado. Naquele dia, fui com dois amigos conhecer a praia, entramos em uma loja e compramos uma bola. Essa foi a primeira vez que voltei a brincar de futebol. No documento, logo abaixo das imagens lemos “O céu de Pelotas parece uma tela de cinema”. Assim, além da localização das imagens, temos uma fabulação sobre um território que me permitiu o imaginário que molda a vida.

O monólogo que vem cheio de estereótipos e machismo é, estranhamente, uma boa lembrança, pois corresponde a uma tentativa de entendimento, uma reflexão por parte de quem o pronunciou.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



O CEU DE PELOTAS PARECE UMA TELA DE CINEMA

Imagem 4 - Larissa Schip, documento de memória, 2024

O segundo documento de memória também é um registro de uma fala. Dividido em duas partes, como uma página de revista de fofocas, a primeira parte é dedicada ao meu primeiro natal em família após todos saberem que eu estava namorando uma menina (Imagem 5).

Um silêncio ensurdecador me atingia, ninguém falou nada durante as primeiras horas, a costumeira pergunta “e os namoradinhos?” não foi pronunciada. Obviamente nada precisa ser dito, mas eu estava apreensiva, meu eu adolescente esperava uma aprovação, ou melhor, carregava, dentro de mim, o medo de críticas. Em certo



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

momento, me encontrei em uma passagem da casa onde estamos reunidos. Neste ambiente estava meu tio, e meu olhar cruzou o dele. Imediatamente ele avistou uma revista, dessas que divulgam lingerie para serem encomendadas por revendedoras, e na capa havia uma mulher somente de calcinha e sutiã. Então, meu tio pronunciou: “gostosa, né filha?”.

Essa fala, que poderia ser lida somente como um ato machista que objetifica mulheres, me atingiu com alívio e felicidade. Um certo constrangimento, um sorriso, um olhar que dizia que estava tudo bem.

O documento traz a versão que minha irmã publicou em seu blog de contos em dezembro de 2013 e, conforme os escritos dela, essa é a sua história preferida de natal. Ao lado está a minha versão, somente por imagem, a reprodução da capa de uma dessas revistas.

Na segunda parte do documento, temos as imagens da revista Playboy com a atriz Nanda Costa na capa. Publicada em 2013, na época a atriz era protagonista da novela de horário nobre na TV aberta brasileira. Suas fotografias foram realizadas em Cuba, e a revista causou polêmicas pela depilação em sua virilha, que continha mais pelos do que se é esperado para uma mulher. No documento acrescentei uma dessas notas, na qual ela responde com humor e ideologia, fazendo referência ao comunismo de Fidel Castro em comparação ao nazismo de Adolf Hitler. Anos depois, a atriz se revelou publicamente sapatão. Então, escolhi anexar ao documento essa imagem que carrega representatividade, afinal essa revista foi consumida por lésbicas de todo país que, mesmo em 2013, já julgavam que a revelação de Nanda iria ocorrer.

O consumo da revista que foi criada como manutenção da sociedade de consumo heteropatriarcal, junto a estereotipada espera por uma revelação da atriz, demonstram como as identidades dissidentes carregam subversão, assim como atravessam os pensamentos feministas a favor de uma pós-pornografia.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

GOSTOSA NE FILHA?

Mais uma história de Natal

É natal. Todo mundo tem histórias dessa época, umas boas outras nem tanto. Mas as boas de contar geralmente vem com uma moralzinha, um final bonito com lição de vida. Ontem me toquei que tenho a minha preferida, e ela aconteceu bem perto dos meus olhos.

Era talvez o segundo Natal em que passávamos após ela ter assumido a sua homossexualidade para a família. Quando contou, sabia que não seria fácil e era bem verdade que para ela poucas pessoas importavam. De uma forma geral a reação foi ignorar. Ninguém falava da namorada dela, e ela foi se segurando assim. Mas tinha um tio, o preferido. Todos os silêncios eram suportáveis, menos o dele.

Ele era o tio do não-silêncio, o chato do pavê, o que cutuca, faz cócega, belisca, debocha, aquele que faz você rolar no tapete de tanto rir, como se fosse criança. Sempre era assim, menos nos últimos tempos, em que parecia que, sem anestesia, um buraco havia sido aberto entre eles.

Os dois estavam na sala. Um em cada sofá, Sozinhos. Passava um programa na TV e ele decidiu que era a hora de voltar.

Oiha, filha, que gostosa, ne

Uma frase, um momento, uma compreensão, uma prova de amor.

Gaguejando e com lágrimas nos olhos, ela confirmou "é sim, tio".

Publicado em 25/12/2013 no blog letras traçadas escrito por Píscila Schip [minha irmã] baseada em fatos reais.

isso mou



"Jamais faria bigodinho de Hitler na terra de Fidel", diz Nanda Costa

A "polêmica" sobre Nanda Costa continua. A atriz da novela Salve Jorge, que estampa a capa da revista Playboy de agosto, foi assunto nas redes sociais desde o lançamento do ensaio por ter optado por uma depilação mais natural.

Depois de brincar e postar a foto de uma máquina de cortar cabelo e vários tuífos no chão, a atriz fez outra piada. "Jamais faria bigodinho de Hitler na terra de Fidel", escreveu no Twitter ao falar de Cuba, onde seu ensaio foi feito.

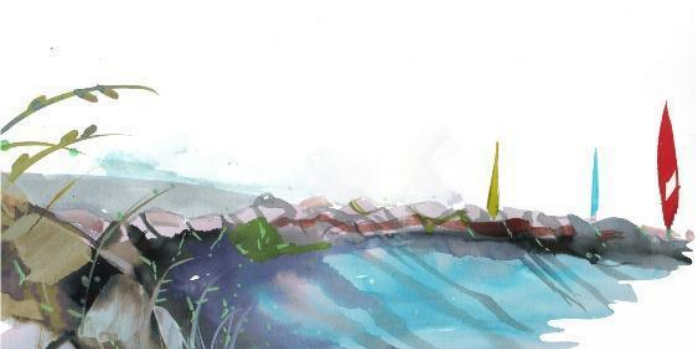
site Terra 11 ago 2013 - 13h51



Imagem 5 - Larissa Schip, documento de memória, 2024

Documentos de cotidiano

Por fim, acrescento neste artigo um documento de cotidiano, que consiste em um desenho que retrata minha mesa de cabeceira na primeira semana na cidade de Pelotas (Imagem 6). Nesta mesa, que continha quatro itens, destaco o cortador de unha, e acrescento o relato que originou o documento, em que a visão do objeto, estrategicamente colocado ao lado da cama, me remeteu a um estereótipo sapatão: deixar as unhas curtas para ações sexuais lésbicas. Assim, apresento a ironia no relato ao contar que o cortador só havia sido deixado naquele local por conta de uma



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

unha que havia quebrado, declarando que “Um cortador de unha não significa nada”. No entanto, este momento me fez perceber como podemos identificar uma linguagem sapatão, como existem objetos e narrativas que podem nos fazer encontrar o que é pertencer a uma comunidade.



Imagem 6 - Larissa Schip, documento de cotidiano, 2024

Considerações finais



Os documentos poéticos que apresento neste texto são obras, no entanto, também são objetos de estudo que revelam pistas sobre o meu modo de vida sapatão, com a intenção de orientar a construção de outros trabalhos artísticos, como se pretende, por exemplo, com os registros originais em vídeo, cujos frames são anexados nos documentos.

Entre opacidades e transparências, observo a minha subjetividade e o que pode ser o encontro do coletivo. Ao fazer uso do método de escritas de vida, ou ainda a criação de imagens de vida, tenho como desejo o encontro desses documentos com uma comunidade lésbica latinoamericana, a fim de observar onde ocorrem identificações para criarmos, juntas, um vocabulário próprio. Assim como desejo esse encontro com pessoas que possam se sensibilizar com a criação de narrativas não hegemônicas, o que me aproxima dos estudos de William Mitchell sobre o sujeito que observa em “uma teoria da visualidade que aborda o feito da percepção não apenas do ponto de vista fisiológico mas também em sua dimensão cultural.” (PEGORARO, 2011, p.47)

Referências

ARANTES, Priscila. Livro *Acervo, Para Além do Arquivo e Arquivo Vivo: uma trilogia possível*. In: **Revista ARS**: do Departamento de Artes Plásticas ECA-USP. São Paulo, SP: v 12. nº 24. Ano 12. 2014. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/cap/ars24/v12n24a01.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

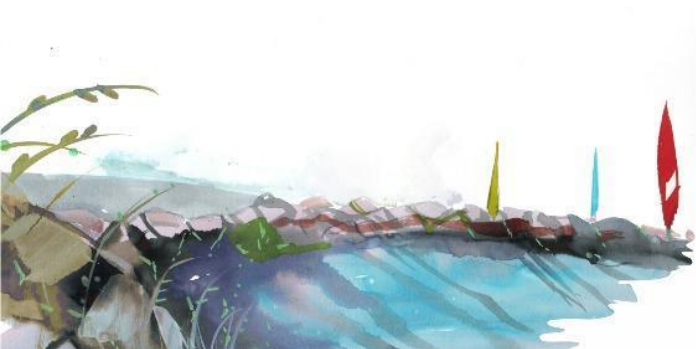
BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 / crocodilo, 2020.

FOSTER, Hall. **O retorno do real**. São Paulo: Ubu editora, 2017.

MOGROVEJO, Norma. O queer, as mulheres e as lésbicas na academia e no ativismo em Abya Yala. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando Afetos** experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PERGORARO, Everly. Estudos Visuais: principais autores e questionamentos de um campo emergente da Imagem. In: **Domínios da imagem**. Londrina, ano IV, n. 8, p. 41-52, maio 2011.



RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Atos autobiográficos e práticas decoloniais em artes visuais. In: **Palíndromo**. Santa Catarina, v.11, n.24, p. 152-161, 2019. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/issue/view/Pal%C3%ADndromo%2024>. Acesso em 17 jan. 2025. ISSN 2175-2346

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios** e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2023

¹ Artista visual, doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas, Mestra em Artes Visuais pelo PPGARTES-UFPEL (2022) e Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná - Fap-UNESPAR (2017). <http://lattes.cnpq.br/3500796825303513> / <https://orcid.org/0000-0003-4345-3256>

² Artista e pesquisadora, é Doutora (2014) e Mestre (2009) em Arte Visuais, no PPGAV/UFRGS. Tem Bacharelado em Artes Visuais na CA/UFPE (1999). É professora e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes, PPGArtes da UFPEL, no Mestrado e Doutorado. Por via da escrita e publicações de artista, pesquisa a casa, objetos, o modo de vida e a vida das coisas. <https://lattes.cnpq.br/7729369777149419> / <https://orcid.org/0009-0003-9645-3409>

³ Gloria Anzaldúa, queer, escritora, estudiosa da teoria cultural chicana e teoria feminista, no texto *Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana* (2017) discorre sobre a colonização pela nomeação. Para a autora, o termo lésbica se refere a mulheres brancas e de classe média, sendo ela chicana e de classe operária, sente que quando nomeada lésbica é colocada em uma sub categoria, ainda que pertencente ao mesmo grupo, acreditando que o termo ignora sua cor e classe. In: ANZALDÚA, Glória. *Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana*. Tradução de Tatiana Nascimento. In: BRANDÃO, Izabel (org.) *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis, EDUFAL, Editora da UFSC, 2017.

⁴“O projeto de pesquisa *Práticas Artísticas Autobiográficas: intersecções entre prática artística, escritas de vida e decolonialidade* foi cadastrado em fevereiro de 2017 junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Seu cronograma prevê o desenvolvimento de atividades artísticas e acadêmicas até dezembro de 2021, dentre elas a realização de estudos, eventos artísticos, simpósios e publicações. Situado no campo das práticas artísticas contemporâneas e ancorado na política do lugar, o projeto congrega um grupo de artistas, estudantes, professoras/es e pesquisadoras/es que passaram a compor o Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA), cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.” (RODRIGUES, 2019, p.153).